

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — Diretor Presidente

BERNARD DA COSTA CAMPOS — Diretor

J. A. DO NASCIMENTO BRITO — Diretor Executivo

MAURO GUIMARÃES — Diretor

FERNANDO PEDREIRA — Redator Chefe

MARcos SÁ CORRÉA — Editor

FLÁVIO PINHEIRO — Editor Assistente

Econ Brasil

Simulações dispensáveis

SE é certo que a decisão de suspender o pagamento dos juros vinha sendo estudada e amadurecida há meses, torna-se mais surpreendente como até agora, já formalizada, a moratória, não tenham os parceiros do Brasil, e nem tampouco o país, indicações sólidas para uma nova base de relacionamento, essencial à desejada ampliação dos créditos.

A chave para a retomada do crescimento e a geração de superávits, sem o que não se resolverá a crise, está em medidas internas que sejam capazes de devolver a confiança aos grandes credores e a normalidade ao país. É por este caminho, e por nenhum outro, que o Governo Sarney poderá negociar soberanamente e viabilizar soluções em tempo curto.

O próprio Presidente Sarney tem balizado freqüentes pronunciamentos pelo compromisso, até enfático, de não fazer a recessão. Mas qual é a única fórmula conhecida para esse fim, senão deter a inflação? Quer agora o governo repassar ao Congresso Constituinte a responsabilidade de acabar com os subsídios que são fontes escandalosas de inflação. Por que não o faz ele mesmo, por decreto-lei?

A intransparência vem exercendo uma intermediação desabonadora entre a palavra do governo e as aspirações da sociedade. No início da nova república, ouviu-se alto e bom som que era "proibido gastar". Viu-se, de lá para cá, a perdulária vocação governamental para emitir, onerar com mais gastos o déficit público, sobrecarregar seus encargos e tapar buracos orçamentários com o vício do compulsório.

Por que o governo, que usou facilmente o decreto-lei o quanto quis, não procede da mesma forma com os subsídios do trigo, do álcool e do açúcar, considerando a necessidade extrema de extinguí-los? Não foi esse o meio encontrado para digerir o caso Sul-Brasileiro e transformá-lo indigestamente em Banco Meridional? Por que não deveria sê-lo neste momento crítico para o país? É construtivo o empenho do Presidente em buscar correções para o

escândalo dos bancos estaduais, como fez ontem com a intervenção do Banco Central.

Estamos diante de itens fundamentais do complexo de soluções que se exigem internamente para tornar possível a confiança dos credores externos num programa de recuperação econômica do Brasil. É preciso, portanto, que o país não tropece em versões oficiais contraditórias, como as que advogam rompimento com o FMI e logo a seguir desejam voltar ao FMI, ou as que justificam a queda da balança comercial com a redução das exportações quando, na verdade, alguns dos nossos produtos básicos se beneficiaram da elevação dos preços médios entre as principais commodities.

É importante compreender que, tanto interna como externamente, não há mais lugar para simulações, seja quando se trata da dívida, seja quando se trata de disparar mecanismos irrefratáveis à normalização da nossa economia. Tanto está em jogo derrubar a inflação como assegurar entradas novas de capital externo, sem as quais o crescimento do país será mera ilusão.

É certo que o Brasil não pode conviver com a condição de exportador de capitais a que foi lançado no passado. Mas é fora da dúvida, também, que a democracia não se afirmará se persistirem os erros e as hesitações que levaram ao malogro o plano cruzado. Não só os credores têm pressa. A nação, igualmente, desde que o ônus dos problemas recaia sobre uma classe média já fatigada de sacrifícios inúteis.

O país não pode ser induzido a crer que as soluções para os seus problemas virão de fora, nem mesmo que a crise tem sua origem no exterior. Tem consciência de que as suas causas, tanto quanto as suas soluções, estão aqui mesmo. A sociedade brasileira está suficientemente madura, política e economicamente, para compreender que a ajuda externa é vital para a nação, na medida da nossa capacidade de administrar nossos recursos com competência e firmeza.